

ANGÚSTIA E SALVAÇÃO: A TEOLOGIA DE DOSTOIÉVSKI

Felipe Bertoldo

I.

O destino de F. M. Dostoiévski é desastroso e fascinante em mesma medida. Na juventude, quando publicou *Gente Pobre* [Бедные люди; 1846], conheceu a glória: foi abraçado pelo famoso escritor Bielínski, foi aclamado pela crítica, e tomaram-no como uma grande promessa, como o novo gênio literário da Rússia. Não muito depois, foi preso por participar de grupos revolucionários e ocidentalistas; levado para a Sibéria, com as mãos e pés presos, e com os olhos vendados, teve sua sentença de morte lida em voz alta. Ele ouviu os tambores rufarem, os fuzis serem apontados... Quando no último minuto teve sua sentença revogada, e foi obrigado a viver quatro anos na pior prisão de todo o solo siberiano. Após esse período, quando voltou de lá, ele já não era mais nada na Rússia, e então partiu com a sua esposa para a Europa Ocidental, onde escreveu endividado, e se humilhou por quantias ínfimas de dinheiro, só para poder sobreviver. E para piorar tudo, foi ainda viciado nas roletas e nos jogos de azar.

Dostoiévski foi um homem doente. Sofreu por toda a vida com a epilepsia, viveu perseguido pela pobreza, morreu numa casa simples; foi refém de um constante vai-e-vem. Esteve sempre condenado ao sofrimento e à humilhação, mas viveu até o último instante como Jó: obedecendo a Deus, e aceitando o amargor das provações que lhe foram enviadas. A sua vida “é uma obra de arte, uma tragédia” [ZWEIG, 1928], e o seu destino — a violência do inesperado, o tremor das tensões. O russo não foi um libertino, e mesmo assim viveu a velocidade destrutora e a força odiosa das paixões humanas; escreveu sobre crime e vício, sobre uma volúpia assassina. Numa mesma linhagem, pôs um corrupto depravado ao lado de um santo, um estrangeiro deste mundo. Ao Idiota, puro de coração, a companhia de um homem demoníaco. Ao assassino cindido, o conflito entre o extraordinário e a “mera humanidade”, entre o orgulho titânico e a humildade, que beija os pés da prostituta de bondade ingênua, santa. Isto quer dizer que ele replicou em seus personagens, incessantemente, um dualismo primordial, do qual sofremos enquanto nesta condição de miseráveis e caídos. Quer dizer que penetrou-lhes nos ossos as nossas próprias enfermidades.

Contudo, não se deve recorrer unicamente às lentes da Psicologia para que se entenda sua obra; na verdade, a Psicologia não pode alcançar seu significado último, cristalino. A realização definitiva de seus escritos está na luz daquele que é transfigurado, na mística do Monte Athos [1], está na salvação do homem-cindido pelo Deus-homem, o Cristo. É por isto que dizia o monge romeno Nicolau [2] que devemos a Dostoiévski esta visão plenamente explicativa: “estivemos no paraíso, no mundo da inocência; caímos, sujou-nos o pecado; pela salvação saímos do charco e nos endireitamos novamente para a inocência; dessa vez, porém, haverá uma inocência merecedora porque guardará, apavorada, a lembrança do mal e será o afirmar consciente do bem, uma vivência, não um simples estado. Assim se entende por que o homem vai ser considerado acima dos anjos.” [STEINHARDT, 1991]

II.

O escritor russo foi um andarilho do ser e da consciência. Não somente é possível enxergar no próprio autor uma constante decomposição, mas toda a sua criação sofre desta angustiante patologia: não há unidade. Este é um princípio antropológico decisivo em sua obra.

O homem, em Dostoiévski, é um abismo, a ruptura e os estilhaços; sua vontade é enormemente enferma, e sua contrariedade tem um peso insuportável. Seu universo literário é composto por uma *antinomia substancial*. Até mesmo a Beleza, que fora entendida sempre como algo plenamente aritmético e calculado, se transformou num horror divino nele: “a beleza é algo terrível que nos aterra! Terrível por ser indefinível: não podemos defini-la, pois Deus só nos deu enigmas. [...] O pior é que a beleza é não apenas algo terrível, mas também algo misterioso. É o diabo a lutar com Deus, e o campo de batalha é o coração humano.” [DOSTOIÉVSKI, 1879] Todavia, o traço objetificante da Psicologia não pode atingir a integralidade de sua obra porque “ele não foi um psicólogo, mas um ‘pneumatólogo’” [3]. [BERDIAEV, 1923] Suas reflexões deságuam na rejeição da *coisificação* do homem, isto é, o ser humano não é definível, mas um mistério abissal, pedaços de um espelho quebrado, um grande enigma.

Em *Idiota* [Идиот; 1869], Nastásya Filíppovna encarna a paradoxia, e seu lugar no triângulo amoroso com o príncipe Muíchkin e com Rogójin é uma projeção de sua contrariedade interior: Rogójin, um filho das trevas, permite que Filíppovna abrace sua condição decaída, já que a obsessão mortal de um se relaciona com o comportamento autodestrutivo do outro, e já ao contrário, o príncipe Muíchkin a aceita, inflige inocência nela — a Filíppovna mesma pode perceber sua própria inocência através dele. Todos os três são tragicamente atormentados nessa condição, mas principalmente a Filíppovna, pela impossibilidade de resolução; ela está condenada pela incapacidade de se reconhecer como culpada ou inocente, de distinguir sua pureza de sua miséria. É precisamente esta contradição irremediável dentro da Nastásya Filíppovna que a leva à desgraça. Seu duplo é Raskólnikov, de *Crime e Castigo* [Преступление и наказание; 1866], o jovem que matou duas mulheres e sofreu suas últimas consequências, e não apenas psicológicas ou fisiológicas, mas a própria morte espiritual. Seu cisma interior é revelado por suas reflexões napoleônicas, das quais ele conclui — levando-as para além dos limites, cometendo um duplo homicídio — que a humanidade extraordinária está acima das leis morais e até mesmo da própria culpa; tudo isto enquanto ele ainda sofre de forma extrema por suas mãos sujas de sangue inocente. Tanto Nastásya Filíppovna quanto Raskólnikov sofrem desse complexo de mortalidade, dessa decomposição constante. São filhos da antinomia, e o discurso demasiado humano jamais abarcará seu significado mais profundo. Por toda a extensão da obra dostoiévskiana é possível deparar-se com duplos, com reflexos; todos padecem, corrompem-se uns aos outros... O ser humano sofre do mesmíssimo vai-e-vem, tanto dos personagens de Dostoiévski como também de sua própria vida: é tão doente quanto. É por isto que ler suas obras pode ser, muitas vezes, um desafio penoso, mas tão especialmente por haver um reflexo tão nítido da condição do ser humano, de sua miséria.

III.

Todos os homens são chamados à salvação. “Depois da leitura atenta dos seus últimos romances, Dostoiévski nos aparece como alguém que conheceu o grande segredo final da ortodoxia: o hesicismo e a oração do coração.” [4] [STEINHARDT, 1991]

O tema da liberdade é central em Dostoiévski, e o problema nele é exposto e combatido por toda a obra do russo: está precisamente na ideia de que a liberdade é a coroação do indivíduo como senhor de sua própria existência. O niilismo — a renúncia de qualquer sentido no mundo e a conformidade com o nada — já se espalhava pelas ruas e praças de Moscou, assim como o veneno se espalha pelo corpo com uma rapidez monstruosa; entretanto, o problema é atual: o homem

moderno nutre um desprezo profundo por tudo que é sagrado, e deste modo acredita estar se afirmando como um sujeito livre, dono de seu próprio destino, um ser absoluto. A juventude contemporânea imita a juventude russa do século XIX, porque tem uma paixão revolucionária, tem fé na salvação política e no êxtase libertino da perversão e da inconsciência. Kirilov quis se tornar um deus, e se afirmou como um “novo homem”, de vontade livre e absoluta, através do suicídio; Raskólnikov subjuguou a humanidade, acreditou estar acima de tudo, e só para provar o seu ponto, matou inocentes a machadadas; Rogójin não aceitou ficar sem a mulher com quem tentou se casar, e a matou a sangue frio, afirmando assim sua vontade de possuí-la. Por isto é que Dostoiévski enfatizou que “se um homem rejeita a Deus, ele terá de adorar um ídolo, seja de madeira, ouro, ou ideias. Os que acreditam não precisarem de Deus são adoradores de ídolos, e é assim que devemos chamá-los.” [DOSTOIÉVSKI, 1875] Deste modo, em Dostoiévski a liberdade não pode ser entendida como a coroação do sujeito autocentrado, nem como o desdém pelo próximo; a liberdade e o amor não podem ser separados, e o amor dos homens — se distante de Deus — está condenado a nunca atingir nenhuma profundidade, ao passo de que o amor só se realiza pela união do homem com o Deus que se fez homem. Este verdadeiro amor “é a afirmação da eternidade.” [BERDIAEV, 1923]

O mundo é uma prisão. Nela, conhece-se a maldade e o desprezo, tudo é decadente; todos carregam a dor das visões passadas. Mortos caminham pelas ruas, e é verdade que os homens são só transgressores, enfermos... Porém, *todos são chamados à salvação*. Dostoiévski foi transformado pela miséria que aterra a todos os homens, mas foi especialmente na Casa dos Mortos [5] que isso aconteceu, onde homens eram levados para morrer, e onde os mortos habitavam — lá havia estupradores, parricidas e assassinos, que matariam por algumas moedas, sem hesitação. A Igreja Ortodoxa enviava sacerdotes na prisão para conceder aos condenados a Sagrada Comunhão, e esses mesmos homens, capazes de incontáveis insanidades, choravam como crianças, e tremiam-se terrivelmente diante do próprio Corpo e Sangue de Cristo, em Sua presença verdadeira. Ali, naquele exato lugar, F. M. Dostoiévski se deu conta de que o Mistério da Ressurreição se realiza continuamente, de que os mortos verdadeiramente ressuscitam através do arrependimento. Aqueles homens ganharam a Vida, e todos nós, também sujos pelo pecado, somos chamados ao mesmo. Assim se entende a liberdade na obra do célebre autor russo: tem natureza deífica, transfigurada. A liberdade é uma janela para o Eterno.

NOTAS

[1] O Monte Athos, também conhecido por “Sagrada Montanha”, está localizado na Grécia e abriga monges ortodoxos em vinte mosteiros. A Montanha é o coração da Ortodoxia, tendo preservado escritos antiquíssimos, ícones, e acolhido místicos cujos ensinamentos foram mantidos na Filocalia, uma obra valiosíssima para o mundo ortodoxo e particularmente familiar a Dostoiévski.

[2] Nicu-Aurelian Steinhardt, judeu de nascimento e batizado ortodoxo pelo onomástico de Nicolau Steinhardt, foi um monge romeno, ensaísta, crítico literário e autor de Jurnalul Fericirii, traduzido para o português como Diário da Felicidade, em 2010. O monge Nicolau foi um prisioneiro político sob o regime comunista em seu país, e sua principal obra tornou-se um clássico da literatura romena do século XX. Além de ter tratado de questões fundamentais como liberdade, conversão, fé, e o valor da vida humana, Nicolau também demonstrou um conhecimento profundo da obra do escritor russo ortodoxo Dostoiévski.

[3] Referente à palavra grega “pneuma”, geralmente traduzida como “espírito”. A pneumatologia é uma área específica da teologia mística ortodoxa que se direciona às questões relativas ao Espírito

Santo. O filósofo russo N. Berdiaev sugere que Dostoiévski tenha sido um pneumatólogo por ter tratado não meramente da psique humana, mas da cópula do Divino com o humano, de sua relação com o Espírito Santo. Assim, o ato criativo e a originalidade do homem no mundo só são possíveis pelo conteúdo da relação com o Espírito de Deus.

[4] A palavra “hesicasmo” é derivada da palavra grega “hesychia”, que pode ser traduzida como “quietude”, “silêncio”, etc. Trata-se de uma tradição mística de oração solitária da Igreja Ortodoxa, que envolve alcançar um estado de quietude interior e um conhecimento experiencial de Deus. [Orthodoxwiki.org/Hesychasm]

[5] Prisão para onde eram levados prisioneiros que fossem considerados do pior tipo pelo governo.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Шестов, Л. И. 1903. Достоевский и Ницше: философия трагедии.

Бердяев, Н. А. 1923. Мирозерцание Достоевского.

Zweig, S. 1928. Dostoevsky.

Lossky, V. 1944. Essai sur la théologie mystique de l'Église d'Orient.

Steinhardt, N. 2010. O Diário da Felicidade.

Tănase, V. 2012. Dostoiévski.

Pondé, L. F. 2013. Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski.